

Design Centrado no Ser: Fundamentos espinosistas para práticas situadas

Being-Centred Design: Spinozist Foundations for Situated Practices

Nuno Dias, ID+ Universidade de Aveiro
ndias@ua.pt

1

Resumo

Partindo da crítica ao dualismo cartesiano, que consolidou o design moderno como intervenção exterior, antropocêntrica e transcendental sobre o mundo, este artigo propõe repensar o projeto a partir de uma ontologia afirmativa da potência de existir, inspirada na Ética de Espinosa. Nesse quadro, desenvolve-se o enquadramento filosófico do Design Centrado no Ser (DCS), aprofundando formulações anteriores e clarificando os seus princípios operativos. Na filosofia espinosista, *laetitia* designa a alegria ativa associada ao aumento da capacidade de agir. Nessa perspetiva, o projetar deixa de ser entendido como resposta a carências e passa a ser compreendido como composição de bons encontros entre potências situadas. A proposta é analisada a partir do UA.LABDESIGN, um laboratório territorial de experimentação pedagógica e projetual, do qual emergem critérios operativos orientados para a duração dos vínculos no horizonte de uma economia da sabedoria.

Palavras-chave: Design Centrado no Ser; Espinosa; *laetitia*; práticas situadas; UA.LABDESIGN; economia da sabedoria.

Abstract

Starting from a critique of Cartesian dualism, which consolidated modern design as an external, anthropocentric and transcendental intervention upon the world, this article proposes rethinking design through an affirmative ontology of the power to exist, inspired by Spinoza's Ethics. Within this framework, the philosophical grounding of Being-Centred Design (BCD) is further developed by deepening previous formulations and clarifying its operative principles. In Spinoza's philosophy, laetitia designates the active joy associated with an increase in the capacity to act. From this perspective, designing is no longer understood as a response to deficiencies but as the composition of good encounters between situated powers. The proposal is examined through the case of UA.LABDESIGN, a territorial laboratory of pedagogical and project-based experimentation, from which operative criteria emerge oriented toward the duration of relations within the horizon of what may be described as a wisdom economy.

Keywords: Being-Centred Design; Spinoza; *laetitia*; situated practices; UA.LABDESIGN; wisdom economy.



Introdução

A história do design no Ocidente desenvolveu-se no interior de uma ontologia de separação entre sujeito e objeto, mente e corpo, humano e natureza. O paradigma cartesiano contribuiu para estabilizar esse regime ao reconduzir a matéria à extensão e ao movimento, tornando o mundo físico formalizável e calculável (GAUKROGER, 2002). No horizonte da modernidade técnica, esta lógica favoreceu uma compreensão instrumental do real, em que a natureza e os entes tendem a surgir como fundo de reserva (*Bestand*), isto é, como disponibilidade ordenável para uso e exploração (HEIDEGGER, 2002). No campo do design, essa racionalidade traduziu-se frequentemente em formas marcadamente antropocêntricas de projetar, criticadas por autores como Escobar (2018) por negarem a interdependência radical que sustenta a vida.

Nas últimas décadas, o campo do design procurou alargar este enquadramento, incorporando preocupações com a experiência, o significado, a responsabilidade social e a sustentabilidade. Contudo, embora a resolução de problemas permaneça uma dimensão legítima do projeto, o seu alcance torna-se limitado quando o design é concebido como aplicação externa de soluções, desligada da duração dos vínculos e da espessura relacional dos contextos. O que se questiona, portanto, não é o ato de resolver problemas em si, mas o enquadramento ontológico que o sustenta.

A valorização da duração e da qualidade dos vínculos encontra eco em investigações que articulam design emocional e bem-estar. Damazio e Tonetto (2022) defendem que o projeto deve produzir transformações sustentadas, e não apenas respostas momentâneas. Sem ainda operar uma deslocação ontológica explícita, esta perspetiva aproxima-se de uma compreensão relacional do design e ajuda a preparar o deslocamento aqui proposto.

É neste horizonte que se inscreve o Design Centrado no Ser (DCS) (DIAS; MENEZES; CHATTERJEE, 2024; DIAS; CHATTERJEE; BRANCO, 2025), entendido não como um novo método, mas como um deslocamento ontológico na compreensão do projeto. Neste contexto, o “ser” não designa apenas o humano em situação, mas também a potência relacional que constitui humanos e não-humanos em composição.

A ontologia espinosista revela-se decisiva neste ponto. Ao conceber o ser como potência em relação (*conatus*) e os corpos pela sua capacidade de afetar e ser afetados (ESPINOSA, 2009), Espinosa dissolve a separação entre sujeito e objeto, entre humano e natureza. A *laetitia* exprime o aumento dessa potência: não um estado subjetivo isolado, mas uma intensificação real da capacidade de agir. Projetar deixa, então, de significar intervir sobre o mundo para passar a compor com ele.

Coloca-se, assim, a seguinte questão: de que modo uma ontologia afirmativa da potência, compreendida a partir da *laetitia* como expressão do aumento da capacidade de agir, pode reconfigurar a compreensão contemporânea do design como prática situada orientada pela duração e pelo cuidado?

O presente artigo assume a forma de ensaio teórico-reflexivo ancorado em investigação-ação situada. Propõe uma fundamentação espinosista do Design Centrado no Ser, articulando a crítica aos paradigmas vigentes com a análise de práticas desenvolvidas no âmbito do UA.LABDESIGN, laboratório territorial de experimentação pedagógica e projetual. O argumento organiza-se em três movimentos: identificação de uma lacuna ontológica nas abordagens contemporâneas do design; explicitação da ontologia espinosista da potência como enquadramento do projeto; e exame de

práticas situadas a partir das quais emergem critérios operativos. Mais do que oferecer um método, o artigo procura explicitar o horizonte ontológico a partir do qual o ato de projetar pode ser compreendido como composição imanente à vida.

Estado da Arte: deslocações contemporâneas no design

Nas últimas décadas, o campo do design passou por uma expansão significativa dos seus enquadramentos teóricos e operacionais. A centralidade tradicional da funcionalidade e da eficiência foi progressivamente ampliada por abordagens que valorizam a experiência, o significado e a responsabilidade social do projeto. Este movimento não constitui uma rutura absoluta com paradigmas anteriores, mas sim uma reconfiguração do seu alcance e das suas prioridades.

O Design Centrado no Utilizador consolidou a importância da experiência de uso e da usabilidade, introduzindo metodologias de teste e iteração que refinaram a relação entre o artefacto e o utilizador (NIELSEN, 1993). O Design Centrado no Humano ampliou este horizonte ao sublinhar a dimensão do significado e da construção social da realidade, reconhecendo os artefactos como mediadores simbólicos (KRIPPENDORFF, 2006). Mais recentemente, o Design Centrado na Humanidade deslocou a análise para os desafios sociais e planetários, integrando preocupações éticas e ambientais numa perspetiva sistémica (NORMAN, 2023).

Em paralelo, consolidaram-se abordagens que enfatizam a dimensão relacional e territorial do projeto. O Design para a Inovação Social destaca a ativação de comunidades e a criação de infraestruturas leves de processos colaborativos (MANZINI, 2015). O Design para a Transição propõe leituras multiescalares orientadas para transformações socioecológicas de longo prazo (TONKINWISE, 2015). A perspetiva pós-humana amplia o campo para redes híbridas e formas de agência mais-que-humanas (FORLANO, 2017), enquanto o Design Pluriversal afirma a coexistência de múltiplas ontologias e a mediação intercultural como tarefa projetual (ESCOBAR, 2018).

Estas deslocações ampliaram as dimensões ética e ecológica do design. A experiência deixou de ser entendida apenas como interação individual e passou a integrar dinâmicas comunitárias, ecossistémicas e culturais. O projeto começou, assim, a ser compreendido como prática situada, enraizada em contextos específicos e atenta às temporalidades locais.

Contudo, apesar desta ampliação ética e relacional, o design contemporâneo permanece atravessado por uma lógica de aceleração e produtividade que, com Byung-Chul Han (2014), pode ser lida como sintoma de exaustão e de pressão produtivista. Ciclos curtos, métricas extrínsecas de impacto e a busca incessante de novidade continuam a estruturar o projeto como uma intervenção orientada a resultados imediatos.

Este desfasamento sugere que o problema não é apenas metodológico, mas também ontológico. Se o design é hoje frequentemente descrito como prática situada e relacional, importa interrogar o estatuto dessa relação e do próprio design: trata-se ainda de uma intervenção externa sobre um contexto previamente dado, ou de uma composição imanente que participa na constituição dos modos de existência?

É a partir desta lacuna que se torna pertinente mobilizar uma ontologia afirmativa da potência, tal como formulada por Espinosa.

Potência e imanência: fundamentos espinosistas do design

A ontologia de Espinosa oferece um enquadramento afirmativo para repensar o estatuto do projeto. Em vez de conceber o design como intervenção exterior orientada por valores transcendentais, permite compreendê-lo como composição imanente entre potências em relação. Os conceitos de *conatus*, *laetitia* e *scientia intuitiva*, lidos à luz da interpretação de Deleuze, constituem um eixo coerente para reconfigurar a compreensão contemporânea do design.

No centro da ontologia espinosista encontra-se o conceito de *conatus*, entendido como a tendência de cada coisa para perseverar na sua existência: “Cada coisa, na medida em que está em si, esforça-se por perseverar em seu ser” (ESPINOSA, 2009, Ética III, P6). Este esforço não é uma inclinação psicológica, mas a própria essência em ato. Quando a mente se torna consciente desse esforço, o *conatus* recebe o nome de desejo (*cupiditas*), que não exprime carência, mas sim afirmação da potência de existir, determinada pelas afeições que modulam a capacidade de agir.

É neste contexto que Espinosa formula uma inversão decisiva na compreensão do valor: “não é por julgarmos uma coisa boa que nos esforçamos por ela, que a queremos, que a apetecemos, que a desejamos, mas, ao contrário, é por nos esforçarmos por ela, por querê-la, por apetecê-la, por desejá-la, que a julgamos boa” (ESPINOSA, 2009, Ética III, P9, Esc.). O “bom” não antecede o desejo como norma exterior; emerge da dinâmica da potência enquanto variação afetiva. Espinosa substitui, assim, a oposição moral entre Bem e Mal por uma avaliação ética entre bom e mau, relativa aos encontros que aumentam ou diminuem a capacidade de agir. O valor não é imposto por um critério transcendente, mas resulta da tendência afirmativa do ser e daquilo que modula a potência de existir.

Deleuze (2017) radicaliza esta leitura ao interpretar Espinosa como o filósofo da imanência e da expressão: cada ser constitui uma variação singular de uma potência comum (Deus sive Natura). Não existe um plano transcendente que julgue ou regule as relações; existem apenas composições que aumentam ou diminuem a capacidade de agir dos corpos e das ideias.

Transposto para o design, este deslocamento impede que o projeto seja reduzido à mera aplicação de critérios prévios a um contexto neutro. Projetar significa, antes, compor relações que aumentam a potência comum de agir.

Laetitia e bons encontros: composição de potências

Entre os afetos descritos por Espinosa, a *laetitia designa* a passagem para uma maior perfeição, isto é, para uma maior potência de agir (ESPINOSA, 2009). Trata-se de uma variação ontológica efetiva nas relações que constituem um corpo.

Deleuze (2017) traduz esta dinâmica na ideia de bons encontros (*bonnes rencontres*): um encontro é bom quando compõe as relações dos corpos, aumentando a sua potência; é mau quando as decompõe ou as diminui. Em termos espinosistas, os primeiros correspondem aos afetos de

laetitia, enquanto os segundos exprimem *tristitia*, isto é, variações que diminuem a capacidade de agir. O critério é, assim, imanente ao próprio encontro.

No horizonte do Design Centrado no Ser, a noção de bons encontros torna-se decisiva. Um projeto tem valor na medida em que compõe potências entre pessoas, ideias, técnicas, materiais e ecossistemas, de modo não destrutivo e durável. A qualidade do design deixa de ser aferida apenas pela eficiência funcional ou pela inovação formal e passa a ser lida pela intensidade relacional que produz e pela continuidade dos vínculos que sustenta (DIAS; MENEZES; CHATTERJEE, 2024).

Neste quadro, o design opera num plano de imanência (*plan d'immanence*): não aplica modelos transcendentais, mas intervém no campo das forças em relação (DELEUZE, 2001). Projetar é compor dentro da realidade, não sobre ela.

A atualidade desta leitura encontra ressonância nas investigações de Damásio (2012), que sublinham a inseparabilidade entre emoção e razão e mostram que os afetos participam na constituição da orientação valorativa. Sem pretender converter a ontologia numa explicação neurocientífica, esta convergência reforça a compreensão do design como prática incorporada, atravessada por dinâmicas afetivas reais.

Scientia intuitiva: conhecimento como aumento de potência

Espinosa distingue três gêneros de conhecimento. O primeiro, fundado na experiência fragmentária e na imaginação, resulta de percepções parciais e associações contingentes; o segundo, racional, organiza noções comuns e relações necessárias; o terceiro, a *scientia intuitiva*, apreende as coisas singulares na sua inserção no todo, compreendendo-as como expressões de uma mesma ordem imanente (ESPINOSA, 2009).

Enquanto o primeiro gênero permanece dependente da experiência dispersa e o segundo estrutura relações gerais por meio de princípios racionais, o terceiro corresponde a um grau mais elevado de adequação: conhecer não é apenas representar corretamente, mas também participar na necessidade do que se compreende. Como sublinha Chauí (1999), a *scientia intuitiva* exprime o conhecimento adequado do singular enquanto expressão da ordem imanente, coincidindo com a passagem à liberdade ativa. Não separa conhecer de existir, mas funda um saber que é, simultaneamente, compreensão e potência em ato.

Este ponto torna-se particularmente relevante quando recordamos que o pensamento moderno foi fortemente moldado pelo dualismo cartesiano, que separou mente e corpo, razão e emoção. Damásio (1995) mostrou que essa separação constitui um “erro”, ao evidenciar que os processos racionais dependem de variações corporais e afetivas. Em *Ao encontro de Espinosa*, Damásio (2012) reconhece, na ontologia espinosista, uma antecipação dessa unidade estrutural entre mente e corpo. A convergência não é apenas histórica, mas também estrutural: em ambos, conhecer implica reorganizar disposições corporais e afetivas.

No terceiro gênero, o aumento do conhecimento coincide com o aumento da potência. A *laetitia* não é um efeito psicológico da compreensão, mas uma variação ontológica que exprime a passagem a uma maior capacidade de agir. Conhecer adequadamente é compor melhor as relações que nos constituem.

Transposta para o design, esta distinção permite clarificar diferentes modos de investigação e intervenção. O primeiro gênero aproxima-se de práticas baseadas em tendências momentâneas ou em recolhas impressionistas de dados, nas quais o conhecimento permanece contingente e pouco articulado. O segundo corresponde a metodologias estruturadas e enquadramentos racionais, que organizam o processo de decisão e procuram sistematizar soluções.

O terceiro, a *scientia intuitiva*, desloca o foco para uma forma de compreensão incorporada que emerge da imersão e da composição com o contexto. Não substitui os níveis anteriores, mas integra-os num plano mais amplo, no qual conhecer coincide com transformar a própria relação. A oficina de design pode, assim, tornar-se um lugar de conhecimento não dualista: não um mero espaço de aplicação de métodos, mas um campo relacional onde agir e compreender se entrelaçam, e de onde o saber emerge como variação partilhada de potência. Em certos momentos, as relações entre corpos, materiais e ideias entram num modo de consonância que intensifica a capacidade de agir comum. Tal situação corresponde, em termos espinosistas, a uma composição favorável das relações, na qual a potência dos envolvidos aumenta simultaneamente.

Deslocamento e aprofundamento do DCS

Se estes conceitos permanecessem apenas no plano especulativo, o seu alcance projetual seria limitado. Torna-se, portanto, necessário observar como *conatus*, *laetitia* e *scientia intuitiva* se traduzem em práticas concretas de composição relacional. O que se segue não constitui uma aplicação ilustrativa de uma teoria prévia, mas sim o exame de um campo em que tais operadores ontológicos se tornaram legíveis como dispositivos situados.

As formulações iniciais do Design Centrado no Ser emergem de uma matriz fenomenológica e hermenêutica, na qual a presença, a escuta situada e a integração biográfica do designer constituem condições fundamentais do ato projetual (DIAS; MENEZES; CHATTERJEE, 2024). Essa matriz dialoga com a ontologia existencial de Heidegger (2012), na qual o *ser-aí* (*Dasein*) é compreendido como *ser-no-mundo* e como abertura situada, e com a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (2011), na qual o corpo se revela inseparável do gesto e do mundo vivido. Neste horizonte, projetar é compreender-se como habitar responsavelmente uma situação histórica e material, reconhecendo que compreender é sempre já estar implicado.

A leitura de Providência (2012) é decisiva neste percurso, ao compreender o designer como mediador cultural e o projeto como *poiesis* situada, articulando autoria, programa e tecnologia numa tensão criadora entre desejo, desígnio e desenho. O projeto afirma-se, assim, como gesto humano responsável, inscrito numa rede histórica, técnica e simbólica em permanente transformação, na qual o designer se assume como intérprete e mediador.

Essa matriz possui já densidade ontológica, ancorando-se numa compreensão existencial do ser e numa ética da responsabilidade. Contudo, permanece centrada, sobretudo, na condição humana situada. A leitura sistemática de Espinosa permite ampliar este horizonte, deslocando o conceito de “ser” no DCS para uma ontologia afirmativa da potência, na qual o ser não designa apenas o humano em situação, mas também a dinâmica relacional que constitui humanos e não-humanos. Este deslocamento não nega a herança fenomenológica; aprofunda-a, reinscrevendo-a num plano de imanência em que a relação precede qualquer centralidade antropocêntrica.

Lida à luz de Espinosa, a tríade desígnio–desejo–desenho proposta por Providência (2012) ganha uma espessura ontológica renovada. O desígnio abre campo às potências em ato; o desejo pode ser compreendido como mobilização do *conatus*; o desenho funciona como configuração sensível que exprime, sempre provisoriamente, uma variação da potência comum. A autoria deixa, então, de ser pensada primordialmente como expressão subjetiva autónoma, passando a ser compreendida como modulação relacional.

Esta ampliação, contudo, não elimina a questão da alteridade. Se a ontologia espinosista privilegia a composição num plano de imanência, a reflexão de Lévinas (1980) recorda que o Outro não se deixa reduzir à coerência de uma totalidade relacional. A alteridade introduz uma assimetria ética que não se dissolve na reciprocidade entre as potências. No DCS, esta tensão não suspende a composição, mas impede que ela se transforme em absorção ou neutralização da diferença. Compor não é integrar o outro numa harmonia prévia, mas sustentar uma relação em que a diferença permanece ativa e irreduzível. A responsabilidade, nesse sentido, não é um limite exterior à imanência; é uma exigência interna à própria relação.

Deste modo, o Design Centrado no Ser consolida-se como prática imanente, orientada por *laetitia* e por bons encontros, mas consciente das tensões que atravessam a sua fundamentação. Projetar é compor, preservando a diferença que torna possível a relação.

UA.LABDESIGN: Práticas situadas e composição de potências

O UA.LABDESIGN – Universidade nas Aldeias não resulta da aplicação de uma teoria prévia, nem se apresenta como um modelo metodológico fechado. Surge de um processo de imersão prolongada que procurou afirmar o design como prática situada, relacional e enraizada na vida em comunidade. As suas raízes encontram-se nas experiências do projeto AGRICULTURA LUSITANA (2015–2018), coordenado por João Nunes, e nas residências do PROJECT@X (2018–2022), que exploraram a relação mestre–designer–aprendiz como dispositivo pedagógico e ontológico. Nestes contextos, a *techné* local, o design contemporâneo e a convivência configuraram-se como um campo de composição entre saberes, temporalidades e modos de existência.

Imersão radical em contexto

A investigação-ação autoetnográfica de Cristiane Menezes (2025) foi decisiva não apenas para consolidar o modelo atual do DCS, qualificando o seu ethos e pathos, mas também para a própria configuração do UA.LABDESIGN enquanto dispositivo territorial. A reativação da antiga Escola de Múceres (Tondela, Portugal) como oficina-escola-laboratório do linho da AmaCastelões constituiu um gesto inaugural de imersão radical a partir do qual o laboratório ganhou forma. O projeto não se aplicou a um território; compôs-se com ele desde a sua génese.

Dessa imersão emergiu progressivamente uma infraestrutura relacional que passou a articular oficinas, residências e ecologias de saberes entre linho, madeira, barro, metal e impressão. Cada oficina opera, neste sentido, como um dispositivo de bons encontros: encontros que ampliam a potência dos corpos envolvidos. No linho, a continuidade do ciclo tradicional tornou-se experiência pedagógica e criativa; na cerâmica, a experimentação contemporânea reencontrou a memória do barro negro de Molelos; na latoaria, o saber do mestre de Lobão da Beira

reconfigurou-se em diálogo com estudantes; e, no plano agroecológico, esboçam-se experiências de horta-laboratório comunitária, nas quais design e agricultura procuram compor-se como prática em devir.

As Figuras 1–4 documentam momentos de diferentes edições do UA.LABDESIGN, evidenciando a continuidade intergeracional das práticas, a diversidade de ofícios e a dimensão colaborativa das oficinas enquanto espaços de aprendizagem incorporada.

Figura 1:

Momentos da edição UA.LABDESIGN 1.0, *Pela Alma do Linho* (Múceres/Castelões, julho de 2023), evidenciando práticas intergeracionais em torno do ciclo do linho e a apresentação de uma peça em burel reinterpretando a capucha tradicional.



Fonte: Arquivo UA.LABDESIGN

Variações de potência e resultados imanentes

Os protótipos produzidos — sapatilhas de linho, luminárias híbridas, instrumentos de latoaria, peças de barro, livros artesanais ou a coleção *Entre Serras* — não são soluções fechadas, mas configurações provisórias de relações em ato. O seu valor não se mede pela inovação formal isolada, mas pelo aumento de potência que as relações desencadeiam.

A integração da AmaCastelões como parceira pedagógica, a criação de circuitos locais de circulação de produtos e narrativas e a consolidação de um continuum entre escolas, universidade e saberes comunitários exprimem esse aumento durável da capacidade coletiva de agir. A oficina aproxima-se, neste sentido, da *scientia intuitiva* descrita por Espinosa: o conhecimento não precede a prática como um esquema abstrato, mas emerge da própria composição relacional. Conhecer coincide, aqui, com transformar-se no contexto.

A dimensão relacional das oficinas implica igualmente reconhecer que os encontros não eliminam a diferença. A composição exige negociação, escuta e reconhecimento da alteridade, impedindo a absorção totalizante dos diversos modos de saber.

Figura 2:
Momentos da edição UA.LABDESIGN 2.0, *O Espírito da Partilha* (julho de 2024), mostrando a continuidade das oficinas e a ampliação das ecologias de saberes entre práticas artesanais, design e comunidade.



Fonte: Arquivo UA.LABDESIGN

Figura 3:

Momentos da edição UA.LABDESIGN 3.0, *Epifanias* (Múceres/Castelões, julho de 2025), ilustrando a diversidade de processos e ofícios de transmissão mestre-aprendiz e a continuidade das práticas associadas ao ciclo do linho.



Fonte: Arquivo UA.LABDESIGN

Oficina do Futuro: metaprojeto e duração

Se a variação de potência se manifesta nos resultados iminentes das oficinas, a sua consolidação exige duração. É neste ponto que o UA.LABDESIGN se afirma como laboratório de futuros. Das oficinas emergem possibilidades ainda não plenamente atualizadas — residências cruzadas, coedições, percursos formativos partilhados — que não constituem projeções abstratas, mas devires enraizados nas relações existentes.

Neste horizonte, a denominada Oficina do Futuro permite compreender o UA.LABDESIGN como metaprojeto. Aqui, metaprojeto não designa um plano hierárquico superior nem uma metodologia prescritiva; designa uma disposição ontológica e pedagógica que cuida das condições de possibilidade do próprio projetar. Em contraste com a lógica de aceleração produtivista, procura instaurar uma “economia da sabedoria” (WALKER, 2013), orientada para a geração de valor a partir de conhecimentos tácitos e incorporados, de relações duráveis, de reparabilidade material e de transmissão intergeracional. Neste enquadramento, o valor deixa de ser concebido como acumulação externa e passa a ser entendido como aumento de potência nas relações que sustentam e regeneram a vida local.

Metaprojeto não significa, aqui, operar por antecipação nem aplicar modelos. Opera por sustentação: protegendo ritmos, sustentando vínculos e mantendo aberto o campo do porvir. A sua função é favorecer condições de florescimento da potência — não apenas de artefactos, mas também de modos de vida. A Oficina do Futuro não define o futuro; prepara-o. A sua potência reside na continuidade.

Instrumentos para um design imanente e centrado no ser

Os dispositivos aqui descritos não antecedem a prática nem constituem uma metodologia universal. Emergem da experiência situada como tentativas de tornar legíveis padrões recorrentes de composição relacional. São cartografias provisórias que traduzem, no plano operativo, a ontologia afirmativa anteriormente delineada.

Em formulações anteriores do Design Centrado no Ser, desenvolvidas a partir de uma matriz existencialista e de investigação situada, identificaram-se três princípios transversais — afetividade, efetividade e continuidade — e uma sequência recorrente de quatro momentos: imersão, revelação, integração e evolução (DIAS; MENEZES; CHATTERJEE, 2024). O que aqui se propõe não é a substituição desses elementos, mas a clarificação do seu fundamento ontológico e o refinamento da sua leitura. A tríade afetividade–efetividade–continuidade é relida à luz da ontologia espinosista da potência, enquanto a sequência processual é reinterpretada, reformulando o último momento como sustentação, de modo a deslocar a ênfase de uma ideia de progresso para uma lógica de duração e cuidado.

Mais do que modelos aplicáveis, estes instrumentos oferecem critérios para discernir quando a potência comum se intensifica e quando se reduz.

Afetividade–Efetividade–Continuidade

A experiência revelou três condições recorrentes para que um processo projetual se mantenha vivo: a qualidade dos afetos partilhados, a transformação efetiva dos contextos e a duração das relações estabelecidas. Estes três vetores — afetividade, efetividade e continuidade — podem ser compreendidos como traduções operativas da ontologia espinosista da potência.

A *afetividade* diz respeito à disposição relacional que torna possíveis bons encontros. Não se trata de entusiasmo momentâneo, mas de intensidade partilhada que amplia a capacidade de agir coletivamente. A *efetividade* refere-se à capacidade real de produzir transformações enraizadas: objetos que permanecem em uso, saberes que se transmitem e práticas que se consolidam. A *continuidade* remete à inscrição dessas transformações na duração, por meio da transmissão, da adaptação e da reparabilidade. Enquanto critérios transversais, estes vetores permitem perguntar não apenas o que foi produzido, mas também quais relações se tornaram mais potentes e duradouras.

Um padrão relacional em quatro momentos

A prática revelou igualmente um movimento recorrente em quatro momentos entrelaçados — imersão, revelação, integração e sustentação — aqui designado como espiral relacional. Não se trata de uma sequência linear nem de um esquema fixo, mas de um ciclo que se reinscreve em temporalidades heterogêneas, próprias de cada processo situado.

Em versões anteriores, o quarto momento foi descrito como “evolução”, associado à expansão do projeto para um “metaprojeto transdisciplinar”, orientado para uma economia da sabedoria (DIAS; MENEZES; CHATTERJEE, 2024). Opta-se aqui pela designação “sustentação”, de modo a evitar uma leitura teleológica e a sublinhar a exigência de durabilidade: proteger ritmos, assegurar a reparabilidade local, preservar a memória e garantir que os encontros não se dissipem.

A imersão radical implica presença prolongada no contexto, escuta corporal e suspensão da lógica de intervenção externa. A revelação emerge da intensidade da imersão e da escuta atenta, quando potências latentes se tornam legíveis como forças já em ato. A integração inscreve essas revelações nos ritmos, recursos e responsabilidades partilhadas do lugar. A sustentação cuida da continuidade, assegurando que o que emergiu não se dissipe com a dispersão dos participantes.

Enquanto a tríade oferece critérios transversais de consistência, estes quatro momentos descrevem a dinâmica recorrente que um processo tende a seguir quando tais critérios são respeitados. Operam, assim, em níveis distintos: um avaliativo, outro processual. Quando se articulam, pode emergir uma intensificação duradoura da potência comum: momento em que o projeto se enraíza na vida partilhada e a forma ganha uso, memória e capacidade de transmissão.

Organização como prática de imanência

Se o design é compreendido como composição de potências, a sua organização também deve operar nesse mesmo plano de imanência. Nesse sentido, a governação deixa de ser uma instância exterior de controlo ou de coordenação hierárquica para se tornar uma prática relacional que sustenta as condições de possibilidade do projetar. A organização não constitui um nível

secundário do processo; é o próprio meio em que a potência comum se compõe, se modula e se prolonga.

No contexto do UA.LABDESIGN, esta tradução organizativa manifesta-se em infraestruturas mínimas de escuta, memória, transmissão e deliberação partilhada, que não impõem finalidades exteriores, mas sustentam a continuidade da potência comum. Nesta perspetiva, metaprojeto deixa de significar escala superior ou coordenação abstrata de subprojetos e passa a designar o cuidado continuado das condições de possibilidade do próprio projetar. Sustentar processos não significa estabilizar formas, mas sim preservar a possibilidade de novos encontros.

Limites e desafios

Afirmar a imanência não elimina as tensões. Se o Design Centrado no Ser propõe deslocar o foco da inovação acelerada para a duração dos bons encontros, essa deslocação enfrenta riscos recorrentes: a idealização do local, a sobrecarga participativa e a captura por agendas externas. Nem todo o encontro é um bom encontro, e nem toda a abertura relacional produz aumento de potência.

Um primeiro risco reside na romantização do território. Quando a imersão se converte em idealização, a revelação tende a cristalizar imagens fixas e a obscurecer conflitos, assimetrias e fraturas internas. A composição de potências exige, pelo contrário, reconhecer tensões reais e aceitar que alguns encontros diminuem, em vez de ampliar, a potência comum.

Um segundo risco diz respeito à sobrecarga participativa. A abertura relacional pode transformar-se em exigência permanente de envolvimento, gerando desgaste afetivo e dispersão de responsabilidades. A continuidade não significa atividade incessante, mas sim capacidade de sustentar ritmos habitáveis, incluindo interrupções, redistribuições e repouso.

Um terceiro risco consiste na captura por agendas externas. Projetos situados podem ser absorvidos por métricas abstratas ou por expectativas institucionais que deslocam o critério da potência comum em favor de indicadores de desempenho. Quando isso ocorre, a efetividade deixa de significar transformação enraizada e passa a corresponder à validação externa. A estas tensões acresce a questão das assimetrias internas de poder. Nem todos os participantes entram na composição em condições equivalentes de tempo, legitimidade, reconhecimento ou capacidade de decisão. A prática situada só permanece ética se tornar essas assimetrias visíveis e se procurar redistribuí-las sem apagar a diferença dos papéis e dos saberes.

Existem também limites estruturais. A duração não pode ser imposta por calendário institucional, e a transferibilidade exige prudência: o que pode ser partilhado não é um modelo, mas princípios relacionais. Além disso, uma filosofia da imanência aplicada ao design corre sempre o risco de se tornar autojustificativa, convertendo qualquer composição em afirmação. O DCS só permanece crítico se reconhecer que a decomposição, o conflito e a interrupção fazem parte do real.

Neste sentido, a potência comum não elimina a fragilidade; afirma-se por meio dela. O que sustenta a prática não é uma garantia de continuidade, mas sim uma atividade permanente de cuidado, redistribuição e recomposição. A duração não exclui a vulnerabilidade; é precisamente o que a torna legível e, em certos casos, transformável.

Conclusão

A reflexão desenvolvida ao longo deste artigo procurou demonstrar que o debate contemporâneo em torno do design enfrenta uma questão que não é apenas metodológica ou disciplinar, mas também ontológica. Argumentou-se que, nas últimas décadas, o horizonte ético, social e ecológico do projeto ampliou-se significativamente; no entanto, muitas abordagens continuam implicitamente ancoradas num modelo dualista, antropocêntrico e transcendental que concebe o design como uma intervenção externa sobre o mundo.

14

A ontologia espinosista da potência permite deslocar esse enquadramento. Ao compreender os seres como variações relacionais de potência e os encontros como composições que aumentam ou diminuem a capacidade de agir, Espinosa oferece um vocabulário conceptual capaz de reconfigurar a compreensão do design. Neste horizonte, projetar deixa de ser entendido como aplicação de soluções sobre um contexto previamente dado e passa a ser compreendido como composição imanente entre potências situadas.

É neste quadro que se inscreve o Design Centrado no Ser. Mais do que um método ou uma nova escola de design, o DCS corresponde a um deslocamento ontológico na compreensão do projeto. O “ser” não designa aqui uma essência humana isolada, mas sim a dinâmica relacional que constitui humanos e não-humanos numa mesma trama de existência. A qualidade do design deixa, assim, de ser aferida apenas por critérios de eficiência, inovação ou resolução de problemas, passando a ser antes avaliada pela capacidade de compor bons encontros e sustentar relações que ampliam a potência comum de agir.

O caso do UA.LABDESIGN permitiu observar como estes princípios se tornam legíveis no domínio das práticas situadas. As oficinas, residências e ecologias de saberes que compõem este laboratório territorial mostram que o conhecimento projetual pode emergir da imersão, da continuidade e da composição relacional entre diferentes formas de saber. Neste contexto, o design aproxima-se daquilo que Espinosa designa por *scientia intuitiva*: um modo de conhecimento em que compreender coincide com participar na reorganização das relações que compõem o real.

A extração dos instrumentos operativos aqui propostos — a tríade afetividade–efetividade–continuidade, a espiral imersão–revelação–integração–sustentação e a compreensão da organização como prática de imanência — não visa instituir um modelo universal, mas tornar legíveis as condições em que a potência comum se intensifica e pode durar. O valor do projeto não reside, assim, na imposição de formas exteriores, mas na capacidade de compor relações vivas, transmissíveis e reparáveis, sem ignorar a sua fragilidade nem a possibilidade da sua decomposição.

Um passo futuro consistirá em aprofundar este quadro em novos contextos territoriais e institucionais, testando de que modo redes colaborativas de base comunitária podem sustentar, no tempo, práticas de design imanente orientadas para a continuidade dos vínculos e para a regeneração local. Num momento histórico marcado por crises ecológicas, aceleração tecnológica e transformação profunda das práticas criativas, torna-se particularmente relevante pensar o design a partir da potência das relações e da duração dos vínculos. Se o design pode contribuir para imaginar futuros desejáveis, talvez a sua tarefa mais decisiva consista em compor, no presente, as relações que os tornam possíveis.

Referências

- CHAUÍ, Marilena. *A nervura do real*: imanência e liberdade em Espinosa. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- DAMÁSIO, António. *O erro de Descartes*: emoção, razão e o cérebro humano. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1995.
- DAMÁSIO, António. *Ao encontro de Espinosa*: as emoções sociais e a neurologia do sentir. Lisboa: Temas e Debates / Círculo de Leitores, 2012.
- DAMAZIO, Vera; TONETTO, Leandro Miletto. Design emocional e design para o bem-estar: marcos, referências e apontamentos. *Estudos em Design*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, 2022. DOI: <https://doi.org/10.35522/eed.v30i1.1391>.
- DELEUZE, Gilles. *Espinosa e o problema da expressão*. São Paulo: Editora 34, 2017.
- DELEUZE, Gilles. *Pure immanence: essays on a life*. New York: Zone Books, 2001. (Ensaio original: “*L’immanence: une vie...*”, 1995).
- DIAS, Nuno; CHATTERJEE, Abhishek; BRANCO, Vasco. Being-centred design: notes on a speculative process philosophy. In: **DESIGN COMMIT 2024 – 1st International Conference on Design & Industry**, 2024, Aveiro. *Proceedings*. Aveiro: UA Editora, 2025.
- DIAS, Nuno; MENEZES, Cristiane; CHATTERJEE, Abhishek. Design Centrado no Ser: uma abordagem existencialista. *Revista dos Encontros Internacionais de Estudos Luso-Brasileiros em Design e Ergonomia*, n. 8, 2024. DOI: <https://doi.org/10.34624/etd.v0i8.38212>.
- ESCOBAR, Arturo. *Designs for the pluriverse: radical interdependence, autonomy, and the making of worlds*. Durham: Duke University Press, 2018.
- ESPINOSA, Bento de. *Ética*. Tradução de Tomaz L. de Lima. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.
- FORLANO, Laura. Posthumanism and design. *She Ji: The Journal of Design, Economics, and Innovation*, v. 3, n. 1, p. 16–29, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.sheji.2017.08.001>.
- GAUKROGER, Stephen. *Descartes’ system of natural philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- HAN, Byung-Chul. *A sociedade do cansaço*. Lisboa: Relógio D’Água, 2014.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. In: HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e conferências*. Lisboa: Relógio D’Água, 2002.
- KRIPPENDORFF, Klaus. *The Semantic Turn: A New Foundation for Design*. Boca Raton: CRC Press, 2006.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade*. Lisboa: Edições 70, 1980.



MANZINI, Ezio. *Design, when everybody designs: an introduction to design for social innovation*. Cambridge, MA: MIT Press, 2015.

MENEZES, Cristiane. *Novo com tradição: diálogos entre design, sabedoria e inovação*. 2025. Tese (Doutoramento em Design) – Universidade de Aveiro, Aveiro, 2025.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

NIELSEN, Jakob. *Usability engineering*. San Francisco: Morgan Kaufmann, 1993.

NORMAN, Donald A. *Design for a better world: meaningful, sustainable, humanity-centered*. Cambridge, MA: MIT Press, 2023.

PROVIDÊNCIA, Francisco. *Poeta, ou aquele que faz: a poética como inovação em design*. 2012. Tese (Doutoramento em Design) – Universidade de Aveiro, Aveiro, 2012.

TONKINWISE, Cameron. Design for transitions – from and to what? *Design Philosophy Papers*, v. 13, n. 1, p. 85–92, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/14487136.2015.1085686>.

WALKER, Stuart. Design and spirituality: material culture for a wisdom economy. *Design Issues*, v. 29, n. 3, p. 89–107, 2013.

Sobre o autor

Nuno Dias é designer, professor assistente no Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro e investigador integrado no ID+, Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura. Doutorado em Design pela Universidade de Aveiro, desenvolve investigação nas áreas da filosofia do design, design de interação e práticas territoriais situadas. É cofundador, com Cristiane Menezes, do UA.LABDESIGN.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5025-9481>

Agradecimentos

O autor agradece a Cristiane Menezes, cujo trabalho etnográfico esteve na génese do UA.LABDESIGN, bem como a Abhishek Chatterjee e Vasco Branco pelo diálogo ao longo do percurso, e a José Leite pela partilha generosa de uma *poiesis* situada. Agradece também à Câmara Municipal de Tondela, aos colegas do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro que deram corpo ao projeto, às juntas de freguesia, às associações e aos parceiros locais — em particular ao Clube Desportivo e Recreativo de Múceres e ao Centro de Estudos e Interpretação da Serra do Caramulo (CEISCaramulo) — pelo acolhimento das oficinas, dimensão fundamental de um projeto assente na hospitalidade, na continuidade e na composição relacional.

Figura 4:
Capa da tese de doutoramento de Cristiane Menezes, cuja investigação-ação, fundada numa imersão radical em contexto, esteve na génese do UA.LABDESIGN e contribuiu para o aprofundamento do Design Centrado no Ser. A imagem revela um conjunto de práticas, objetos e resultados processuais associados ao laboratório.



Fonte: Menezes (2025).